



pós-graduação em lingüística

Universidade Federal de Santa Catarina, CCE, UFSC, CPGLg, sl. 201, Trindade
CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil - Fone: (048) 331.9581 - Fax: (048) 331.6604

E-mail: pgl@cce.ufsc.br
<http://www.cce.ufsc.br:80/~pgl>

PROVA DE SELEÇÃO MESTRADO – 2016/01

Esta prova visa a classificar candidatos com as seguintes características: capacidade de reflexão teórica; capacidade para resolução de problemas; capacidade para exposição escrita (texto coeso e coerente); e capacidade de síntese. É expressamente proibido assinar a prova e a folha de respostas.

Dentre as questões apresentadas a seguir, escolha apenas 4 (quatro) para serem respondidas. Cada questão corresponderá a 25% do total da prova.

QUESTÃO 1

Considere o quadro de escala de soância abaixo:

Vogais	Líquidas	Nasais	Oclusivas e fricativas
3	2	1	0

Quadro: Escala de soância de segmentos sonoros que constituem as sílabas
Fonte: SEARA, NUNES e LAZZAROTTO-VOLCÃO (2015, p. 117)¹

Agora, levando também em conta as condições de formação de sílabas a seguir:

- 1) a sequência de elementos no *onset* e na coda silábica de mesma escala de soância não é permitida;
- 2) o núcleo da sílaba é constituído pelo elemento mais sonoro da sequência de sons e deve haver uma escala crescente de soância do *onset* para o núcleo e do núcleo para a coda (SEARA, NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 117).

Responda:

- (a) Por que, no português brasileiro, as vogais constituem o núcleo das sílabas?
- (b) Por que, na palavra *resto*, não poderia haver uma sílaba *sto*?
- (c) As sílabas que constituem a palavra *resto* são *res* e *to*. Essas sílabas respeitam as condições (1) e (2) acima? Explique.

¹ SEARA, Izabel C.; NUNES, Vanessa G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Christiane. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

QUESTÃO 2

Observe atentamente os exemplos de (1) a (3) e responda a questão que segue:

Em relação à formação de sentenças:

- (1) a. O corretor negociou o imóvel.
b. *A cadeira negociou o imóvel.

Em relação à correferência entre pronome e nome:

- (2) a. O Paulo_i disse que ele_i vai viajar.
b. *Ele_i disse que o Paulo_i vai viajar.

Em relação à alternância sintática:

- (3) a. O inimigo afundou o navio.
a'. O navio afundou.
b. O inimigo viu o navio.
b'. *O navio viu.

Independentemente de ter frequentado a escola e ser capaz de explicar as razões para a má-formação das sentenças em (1b), (2b) e (3b'), qualquer falante nativo de português irá rejeitá-las, ao passo que aceitará as demais construções. Comente a natureza desse conhecimento comum a todos os falantes nativos de uma língua, abordando as razões para cada uma das restrições atuantes nas sentenças assinaladas com asterisco.

QUESTÃO 3

Desconstrua o mito de que as línguas de sinais não configuram uma língua, apresentando um exemplo da gramática da língua brasileira de sinais que ilustra seu status linguístico.

QUESTÃO 4

Considere a letra de *Samba do Arnesto*, de Adoniran Barbosa, e responda a questão a seguir.

Samba do Arnesto

O Arnesto nos convidô prum samba, ele mora no Brás
Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós vortemos com uma baita de uma reiva
Da outra veiz nós num vai mais
Nós não semos tatu!
No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas mais nós não aceitemos
Isso não se faiz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta
Um recado assim ói: "Ói, turma, num deu pra esperá
Aduvido que isso num faz mar, num tem importância,
Assinado em cruz porque num sei escrever"

(Adoniran Barbosa)

a) Identifique no texto de Adoniran **um fenômeno variável** para cada nível linguístico (fonético-fonológico e morfosintático) e complete o quadro abaixo, atendendo ao que se pede.

Nível linguístico	Variante identificada e possíveis formas concorrentes	Descrição do fenômeno variável
Fonético-fonológico		
Morfossintático		

b) Formule uma hipótese explicativa para a variação **de cada um dos fenômenos** em questão, considerando a influência de um condicionador linguístico e outro extralinguístico.

QUESTÃO 5

Discorra sobre as políticas linguísticas como políticas de resistência. Em sua resposta, explicito o conceito de política linguística e o papel das instâncias oficiais. Exemplifique.

QUESTÃO 6

Leia os trechos² a seguir antes de responder a questão.

Discutir a nova postura da Linguística Aplicada implica considerar reflexões que vêm sendo empreendidas sobre práticas de investigação nesse campo, a exemplo do que propõem Signorini e Cavalcanti (1998). Tais reflexões têm potencializado nova compreensão sobre a atividade do linguista aplicado. Segundo Rojo (2007), isso se dá especialmente em razão da delimitação do interesse primário de pesquisa em Linguística Aplicada, agora um universo que transcende o ensino de línguas; da discussão dos tipos de objetos de pesquisa selecionados, agora na sociedade em geral; e do debate acerca do caráter inter ou transdisciplinar das investigações, antes, disciplinares. (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 25)

Trata-se, então, de estudar a língua real, o uso situado da linguagem, os enunciados, os discursos, as práticas de linguagem em contextos específicos, buscando romper esse frágil fio que garante a visão da rede, da trama, da multiplicidade, da complexidade dos objetos-sujeitos em suas práticas. (ROJO, 2007, p. 1762 apud RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 27)

A necessidade de repensar outros modos de teorizar e fazer a LA surge do fato de que uma área de pesquisa aplicada, na qual a investigação é fundamentalmente centrada no contexto aplicado [...] onde as pessoas vivem e agem, deve considerar a compreensão das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que elas experienciam. (MOITA LOPES, 2006, p. 21 apud RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 31)

Um resgate histórico da consolidação da Linguística Aplicada (LA) no campo das Ciências da Linguagem nos conduz a uma visão inicial voltada à compreensão aplicacionista, emanada por

² RODRIGUES; R. H.; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. *Linguística Aplicada: ensino de língua materna*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

posições valorativas que circunscreviam a LA a um campo de aplicação dos resultados de investigações da Linguística. A LA contemporânea busca, de forma geral, criar integridades sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central, afastando-se, portanto, da ideia de uma LA aplicacionista e aproximando-se de uma “concepção emancipadora da Linguística Aplicada” (RODRIGUES; CERUTTI-RIZATTI, 2011, p. 13). Sob essa perspectiva e considerando os excertos acima, **discuta acerca dessa concepção emancipadora da LA contemporânea.**

QUESTÃO 7

Circula na comunidade acadêmica, para debate e avaliação, a proposta do documento *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* que define “os conhecimentos essenciais aos quais todos os estudantes brasileiros têm o direito de ter acesso e se apropriar durante sua trajetória na Educação Básica, ano a ano, desde o ingresso na Creche até o final do Ensino Médio” (BRASIL, 2015). Tal documento orienta todas as áreas de conhecimento, como é o caso da **Área de Linguagens**, que inclui a Língua Portuguesa e a Língua Estrangeira. De acordo com esse documento,

[...] cabe à área de Linguagens uma importante tarefa da Educação Básica, que é transversal a todos os componentes: [...] A tarefa de **letramento**, que diz respeito à condição de participar das mais diversas práticas sociais permeadas pela escrita, abrange a construção de saberes múltiplos que permitam aos/às estudantes atuarem nas modernas sociedades tecnológicas, cada vez mais complexas também em relação às suas formas de comunicação. (BRASIL, 2015, p. 29)

Na comunidade acadêmica, por sua vez, alguns linguistas aplicados afirmam o que entendem por aprender uma língua.

Aprender língua, a meu ver, significa aprender a usá-la. Consequentemente, ensinar língua implica criar condições para quem aprende usar essa língua, primeiro, por meio de interações em sala de aula para, depois, poder fazer o mesmo, em situações de uso real. (MICCOLI, 2013, p. 145)³

Ensinar/aprender língua(gem) é “Ter oportunidades assistidas de construção dos mais diversos discursos para participar criativamente na sociedade em que vivemos. Na prática, isso significa efetivamente participar em interações orais e escritas e ter oportunidades de ajustar essa participação à interlocução que se deseja estabelecer com a ajuda de participantes mais experientes.” (SCHLATTER, 2013, p. 187)⁴

Relacione as noções de aprender língua apresentadas acima com a tarefa de letramento conceituada na proposta do documento *Base Nacional Comum Curricular*.

QUESTÃO 8

No capítulo introdutório da obra “Aquisição da linguagem”, Kail (2013)⁵ apresenta alguns dos métodos que possibilitam o estudo do entendimento da linguagem pela criança em aquisição precoce. Entre eles, a autora cita métodos online e off-line de investigação, mencionando as técnicas 1) da mímica das ações, 2) de apontar imagens, 3) intermodal da fixação preferencial do

³ MICCOLI, L. Conversas com Laura Miccoli. In: SILVA, K. A.; ARAGÃO, R. C. (Org.) *Conversas com formadores de professores de línguas: avanços e desafios*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 145-173.

⁴ SCHLATTER, M. Conversas com Margarete Schlatter. In: SILVA, K. A.; ARAGÃO, R. C. (Org.) *Conversas com formadores de professores de línguas: avanços e desafios*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 187-199.

BRASIL, O que é a Base Nacional Comum Curricular? 2015, p. 1. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/base/o-que>>.

⁵ KAIL, Michéle. *Aquisição de linguagem*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.

olhar, 4) looking while listening, 5) análise dos movimentos oculares, 6) de imageamento cerebral e potenciais evocados.

Explique, com base em Kail, três dos métodos de pesquisa acima mencionados, esclarecendo e justificando se se trata de método online ou off-line.

QUESTÃO 9

Tomando a atenção como um fenômeno cognitivo, Signor e Santana (2012, p. 175)⁶ partem da concepção de que a cognição deve ser entendida como um conjunto das várias formas de conhecimento que não podem ser tomados como apriorísticos, às margens da rotina em sociedade. As autoras também referem que as explicações para os fatos de aprendizagem se dividem em dois principais olhares: um que patologiza, que imputa ao sujeito às causas de suas dificuldades, e outro que considera a historicidade do sujeito e suas relações com a linguagem escrita.

Considerando os argumentos acima como pressuposto teórico, analise o caso abaixo.

Maria recebeu o diagnóstico de TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade) aos seis anos e passou a tomar Ritalina por conta da sua dificuldade de alfabetização e de seu comportamento questionador e autoritário. Maria também participava de poucas práticas de leitura e escrita em seu ambiente familiar.

Relato da Mãe: Nessa escola da Maria, dizem que fazem uma pedagogia alternativa, Piaget, Vygotsky, mas na verdade, era o silábico sim... era ba be bi bo bu... pegava todas as consoantes... ia trabalhando consoante por consoante... bem tradicional e as crianças de hoje não prestam mais atenção com essa metodologia tradicional... Aí minha filha não participava muito, não aprendia e as professoras foram reclamando dela. As professoras foram isolando minha filha e depois dizendo que ela tinha problema e ela teve o diagnóstico de TDAH. No 2º. ano a Maria ainda não escrevia o nome dela... Mandavam ela fazer muita cópia... e ela tinha dificuldade pra escrever e não prestava atenção na aula. Quando ela mudou de turno ela teve uma sorte, ela pegou uma professora maravilhosa... Com 8 anos, no 3º. ano.. [...] Aí foi onde ela deslanchou... a Renata tinha uma prática assim mais ou menos diferenciada... ela colocava sempre recadinhos carinhosos no caderno da Maria e as crianças faziam muitas coisas diferentes, jornais, produziam músicas, ela ficava encantada... passou a adorar ir pra escola e foi aí que ela deslanchou com a leitura e a escrita dela... E passou de ano... A Maria quando encontra a professora sempre fala: “Renata, não tem uma vaga pra mim de novo?”

⁶ SIGNOR, R.; SANTANA, A. P. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: implicações para a linguagem escrita. In: Moura, H; Mota, M. B.; Santana, A. P. (Org.). Cognição, léxico e gramática. Florianópolis: Insular, 2012, p. 174-197.